

O *ethos* ativista no Facebook: uma análise discursiva das narrativas digitais de mulheres ambientalistas

The activist ethos on Facebook: A discursive analysis of the digital narratives of environmentalist women

Erika Cristina Dias Nogueira¹

erikadiasjornalista@gmail.com

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Marco Túlio Pena Câmara²

marcotulioamara@gmail.com

Universidade Estadual de Campinas

RESUMO - No Brasil, país mais perigoso do mundo para o ativismo ambiental,³ mulheres lutam por espaço nos meios de comunicação para disseminarem seu discurso de defesa do meio ambiente. Consideradas até a década de 1980 como “segunda categoria”, as mulheres tiveram suas vozes abafadas e silenciadas pela sociedade patriarcal, em especial em ambientes políticos. Tal silenciamento reflete na carência do posicionamento feminino em lutas abrangentes e urgentes, como as ambientais. Hoje em dia, a luta feminina contra o extermínio da natureza é sustentada pelo uso do espaço virtual, principalmente do *site* de rede social Facebook, meio que se mostra favorável à expressão política dessas mulheres. O *site* tem proporcionado sobretudo certa autonomia para a disseminação do discurso, além de maior visibilidade e legitimação para a causa ambiental. Sob essas premissas, nossa pesquisa analisa a constituição de um *ethos* ativista pela investigação das narrativas digitais disseminadas pelas ambientalistas em seus perfis no Facebook. As ativistas escolhidas para a pesquisa são as brasileiras Ana e Mayan. Utilizamos como base teórica e metodológica a Análise do Discurso, bem como os estudos sobre *ethos*, ciberativismo e narrativa digital. Durante a pesquisa, identificamos determinadas estratégias narrativas utilizadas pelas ambientalistas no *site*, importantes para a constituição do *ethos* ativista no Facebook, assim como traços de posicionamento e autoidentificação feminista, reconhecendo a especificidade da luta feminina na causa ambiental, tornando-se, assim, um duplo ativismo, demarcado pelo ambientalismo feminista.

Palavras-chave: *ethos*, ambientalismo, discurso contra-hegemônico, narrativas digitais, Facebook.

ABSTRACT - In Brazil, the most dangerous country in the world for environmental activism, women have been fighting for space in the media to disseminate their discourse on environmental protection. Considered as “second category” until the 1980s, women had their voices silenced by patriarchal society, especially in political environments. Such silencing reflects the lack of female positioning in comprehensive and urgent struggles, such as environmental ones. Currently, the women’s fight against the extermination of nature is supported by the use of virtual space, especially the social networking site Facebook, which is favorable to the political expression of these women. The site has mainly provided a certain autonomy for the dissemination of the discourse, in addition to greater visibility and legitimacy for the environmental cause. Under these premises, our research analyzes the constitution of an activist ethos through the investigation of digital narratives disseminated by environmentalists in their Facebook profiles. The activists chosen for the research are the Brazilian Ana and Mayan. We used as a theoretical and methodological basis Discourse Analysis, as well as the studies on ethos, cyber-activism, and digital narrativity. During the research, we identified certain narrative strategies used by the environmentalists on the site, important for the constitution of the activist ethos on Facebook, as well as traits of feminist positioning and self-identification, recognizing the specificity of women’s struggle in the environmental cause, thus becoming a double activism, marked by feminist environmentalism.

Keywords: ethos, environmentalism, counter-hegemonic discourse, digital narratives, Facebook.

¹ Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Av. Amazonas, 5253, Nova Suíça, Belo Horizonte, MG, Brasil.

² Universidade Estadual de Campinas. Rua Sérgio Buarque de Holanda, 571, Campinas, SP, Brasil.

³ Pela quinta vez consecutiva, o Brasil foi considerado o país mais perigoso do mundo para ambientalistas, registrando o maior número de assassinatos – 49 mortes só no ano de 2016 (Global Witness, 2017).

Introdução

Filha, esposa e mãe. Historicamente, o papel da mulher sempre foi em função da figura masculina. Mais do que meros preconceitos, a submissão feminina era amparada por leis que consolidavam a desigualdade, não só no ambiente domiciliar, mas também no mercado de trabalho e na vida pública (Barreto, 2010). Impedida de votar, estudar e trabalhar, a mulher viu seus direitos básicos velados por décadas, sem o apoio da legislação, que reforçava sua condição de segunda categoria, como aquela incapaz de se desenvolver individualmente (Araújo, 2003).

Tal realidade só foi modificada com a Constituição de 1988, que trouxe a igualdade de direitos, equiparando o homem e a mulher⁴. Mesmo com a igualdade respaldada em lei, a prática não seguiu o mesmo caminho imediato. A luta feminista continua ativa, com pautas como a igualdade salarial, fim da violência de gênero e, especialmente importante para este artigo, igualdade na participação política, já que a presença feminina nos governos ainda é pequena, o que acarreta em perda de direitos e na ausência de representatividade (Pinto, 2010). É importante não restringir a política apenas ao espaço do governo, mas também abranger “as dimensões da vida cotidiana e questões das comunidades culturais” (Maia, 2002, p. 57). É nesse contexto que se insere a causa ambiental como caráter político, já que também é um posicionamento impactante em toda a sociedade, colocando-se como parte do discurso contra-hegemônico⁵. Nessa conjuntura, o feminismo se alia à causa ambientalista, por entender a semelhança e relação direta entre as lutas, dando origem ao termo ecofeminismo⁶, como junção destas lutas emergentes.

É importante observar, então, o constante silenciamento feminino em questões políticas, desde o voto até pesquisas e questões ambientais do cotidiano. Nesse

contexto, a Internet⁷ surge como principal aliada da causa feminista, já que oferece participação descentralizada, graças à sua característica de horizontalidade das redes⁸. Maia (2002) apresenta as redes cívicas como o encontro de ideais nesse espaço virtual, tornando-se “fundamentais para promover a politização de novas questões, modificando formas de comunicação, representação e interpretação de problemas na sociedade” (p. 53). É dessa maneira que se produz e dissemina o discurso anti-hegemônico, pois inclui setores considerados periféricos, colocando-se como principal marca da democracia. Tendo como base o histórico e os conceitos abordados acima, o presente artigo estuda a constituição de um *ethos* ativista ambiental no site de rede social digital⁹ Facebook pela investigação das narrativas digitais disseminadas pelas ambientalistas em seus perfis¹⁰.

(Ciber) ativismo ambiental

Hoje, as questões ambientais estão no centro de debates públicos da sociedade contemporânea, devido à urgência no tratamento de tal problemática. Vivemos em uma atualidade que sofre as intempéries da ação histórica do ser humano contra a natureza (Boff, 2010) e que já começa a perecer pelo aparecimento da antropização¹¹. Devido a essa realidade, a atenção focada aos problemas ambientais é cada vez mais latente e a degradação da natureza se tornou fator de preocupação mundial, provocando ações e manifestações por movimentos e ativistas¹² ambientais. Por meio das tecnologias da comunicação, como a Internet, as ativistas têm a chance de exporem seu discurso ambiental de forma coletiva. Maia (2002, p. 47) acredita que “a Internet mostra-se como um importante lugar, uma arena conversacional, na qual o espaço de dobra e novas conversações e discussões políticas podem seguir seu curso, proporcionando um meio de interação”.

⁴ As constituições anteriores tratavam da igualdade entre os cidadãos sem especificar a igualdade de gênero, o que dava brechas para interpretação de legisladores para a discriminação contra a mulher (Barreto, 2010).

⁵ Para este artigo, utilizaremos o conceito do filósofo marxista Gramsci, que classifica o “contra-hegemônico” como forma de resistência ao poder dominante.

⁶ Siliprandi (2000) identifica alguns princípios gerais do ecofeminismo. O primeiro é em relação ao sistema econômico de hegemonia ocidental, que relaciona a dominação da mulher à exploração dos recursos naturais; do ponto de vista político, a autora compara a mulher com a Natureza e o homem como a cultura, sendo esta superior àquela, acreditando que “a sociedade sem a exploração da natureza seria uma condição para a libertação da mulher” (Siliprandi, 2000, p. 63); por fim, a autora enfatiza que as pesquisas são predominantemente masculinas, excluindo a participação da mulher nesse processo.

⁷ Internet com a inicial maiúscula refere-se, conforme Costa (2009, p. 147), à “rede de computadores originalmente criada nos EUA, que se tornou uma associação mundial de redes interligadas por meio dos protocolos da família TCP/IP”. Passamos, assim, a utilizar essa noção com letra maiúscula, pois nossa pesquisa tem o foco na Internet como suporte tecnológico mundial e espaço de trocas e rede de compartilhamento público.

⁸ Castells (1999) utiliza esse termo por entender que, na Internet, todos os usuários têm a mesma oportunidade e local de fala, não obedecendo a hierarquia e hegemonia observadas no corporativismo.

⁹ Recuero (2014, p. 16) define *sites* de redes sociais como “ferramentas que proporcionam a publicação e construção de redes sociais”. Falaremos mais sobre esse tema no próximo capítulo.

¹⁰ Como perfis, consideramos o conjunto de fotos, histórias e experiências compartilhados por usuários do Facebook em um espaço exclusivo para contarem suas histórias. Segundo Recuero (2014), os perfis são estratégias de presença na rede, que delimitam os atores e participantes de uma conversação e podem constituir-se nelas.

¹¹ Termo utilizado para indicar os resultados da atividade humana sobre o meio ambiente.

¹² Como ativismo, consideramos aqui a busca de entidades e pessoas pela transformação de uma realidade por meio de uma “ação política” (Arendt, 2010, p. 221).



Figura 1. Perfil de Ana no Facebook.

Figure 1. Ana's Facebook profile.

Fonte: Perfil público no Facebook (2018a).



Figura 2. Perfil de Mayan no Facebook.

Figure 2. Mayan's Facebook profile.

Fonte: Perfil público no Facebook (2018b).

O Facebook é a principal dessas ferramentas digitais¹³ que contribui para a expressão política. Não é mais novidade que a tecnologia proporcionada por ele permite formar um espaço discursivo de troca comunicativa para debates que podem, assim, provocar algum tipo de mudança a partir de sua apropriação. Tal caráter conversacional do Facebook permite que ciberativistas¹⁴ se apropriem do espaço virtual como forma de mobilização estratégica em prol de suas causas de transformação coletiva. Com esse espaço, ativistas encontraram na Internet um local de expansão de seus pensamentos e motivos de luta. A principal proposta do ciberativismo torna-se, então, a conscientização através da internet (Rigitano, 2003), dando à sociedade o poder de contra-argumentar determinados paradigmas, promovendo maior conscientização política. É diante desse cenário de atuação (ciber)ativista ambiental que este artigo analisa a constituição de um *ethos* ativista. Analisamos nesse ambiente as narrativas digitais de duas ambientalistas brasileiras: Ana e Mayan¹⁵.

A bióloga Ana atua na Organização Não-Governamental (ONG) Greenpeace Brasil como marinheira, voluntariado que a permite, a cada três meses, embarcar em um navio para defender o meio ambiente em missões pelo mundo. Seu perfil no Facebook é público e conta com publicações frequentes.

Mayan também possui um perfil no Facebook bastante ativo. A ambientalista atua como Permacultora em uma Organização Não-Governamental (ONG), em Minas Gerais, realizando trabalhos voluntários de bioconstrução¹⁶, aulas e consultorias ambientais.

Nosso estudo se baseou em um *corpus* composto por oito publicações das duas ambientalistas no Facebook, realizadas nos meses de fevereiro, março, abril e maio de

2016. Dentre as publicações, foram escolhidas três de cada ambientalista, de forma aleatória, de modo a representar a construção do *ethos* ativista, encontrando similaridades entre as postagens.

Ethos, escrita fragmentária e narrativas digitais

Para prosseguirmos com as análises, é fundamental tomar o conceito de *ethos* como ponto de partida, já que ele “designa a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre seu alocutário” (Charaudeau e Maingueneau, 2016, p. 220). A partir desta definição, é possível identificar os perfis analisados como a construção da imagem de ativista que elas procuram passar, a fim de influenciar seus seguidores a aderir à causa ambientalista.

O discurso proferido pelo enunciador carrega marcas linguísticas discursivas, apontando o que é dito e os possíveis efeitos que procuram produzir em seu interlocutor. Tal característica revela a personalidade do enunciador, demarcando os traços pessoais que busca mostrar ao seu público (Maingueneau, 2001). Assim, o autor acredita que o “o texto escrito possui um tom que dá autoridade ao que é dito” (p. 98). Dessa maneira, o enunciador se porta como autoridade ao seu interlocutor, tornando-se parte de seu discurso e do ideal que defende, como observado nos perfis em análise. A construção e a identificação desse *ethos* estão presentes nesses discursos, em que o fiador “confere a si próprio uma identidade compatível com o mundo que ele deverá construir em seu enunciado” (Maingueneau, 2001, p. 99). O autor entende, ainda, que a construção do *ethos* se dá no contexto da cena de enunciação. No caso estudado neste artigo, a au-

¹³ O Facebook é o *site* de rede social digital mais utilizado no Brasil, segundo dados divulgados no relatório *Digital in 2016*. Estudo realizado pela agência de comunicação “We Are Social” (2016).

¹⁴ A utilização ativista da Internet é denominada ciberativismo. Pereira (2008) caracteriza ciberativismo, ou ativismo *on-line*, como o grupo de estratégias utilizadas na Internet para fortalecer a ação política, seja por incentivo a ações que já ocorriam *off-line*, seja por novas ações *on-line*.

¹⁵ Apresentamos aqui somente o primeiro nome das ambientalistas a fim de preservá-las.

¹⁶ Bioconstrução é um conceito utilizado para se referir a construções ecológicas que utilizam materiais que não agredem o meio ambiente, valendo-se do aproveitamento de recursos locais.

toafirmação como ativista ambiental ocorre em ambiente digital, nos perfis do Facebook, a partir de seus *posts* e das histórias contadas por meio de narrativas que visam legitimar o que é dito.

Desse modo, as narrativas são, de acordo com Charaudeau (2012, p. 156), “uma totalidade”, que engloba diversos componentes a fim de “corresponder à finalidade do ‘que é contar?’”. Dentre os componentes da narrativa está o Modo de Organização Narrativo, utilizado para nortear as análises do discurso narrado e realçar as particularidades do objeto estudado. Charaudeau (2012, p. 157) diz que um sujeito que narra utiliza o modo narrativo para organizar “o mundo de maneira *sucessiva e contínua*, numa lógica cuja coerência é marcada pelo próprio *fechamento* (princípio/fim)”. É o que notamos nos textos verbais publicados pelas ambientalistas no Facebook. Observamos ainda que as ativistas procuram contar, de forma contínua e sucessiva, sua realidade particular, por meio do que Charaudeau (2012, p. 156) classifica como “narrativas de forma breve”, que se compõe por “fragmentos de vida” e “se nutrem de pedaços de ser”. Os sujeitos que narram desenvolvem um universo de representações de suas ações por meio de narrativas que visam predominantemente “fazer crer no verdadeiro” (Charaudeau, 2012, p. 154), atuando discursivamente como testemunhas no que narram.

Tal escrita narrativa fragmentada também é abordada por Dias (2015) ao discutir a escrita própria do meio digital. A autora denomina “escrita fragmentária” as narrativas próprias do meio digital. A escrita fragmentada para Dias (2015) é, ao mesmo tempo, compartilhada, sem início, meio ou fim, como um diário ou notas de viagem. Um tipo de escrita do meio digital que é comum nos perfis de sites de rede sociais, onde o código verbal engloba a alta velocidade de compartilhamento e a economia de palavras. Outra característica dos perfis dos sites de redes sociais que podemos observar é a escrita de si. Sobre essa temática, Emediato (2015) diz que o sujeito se inscreve em um espaço virtual para realizar uma encenação de si, no que o autor considera uma forma de exibição explícita de si mesmo, uma “face self”, comum aos sites de rede sociais digitais.

A ação de egomostração no facebook é uma exibição de si que deseja incitar o alocutário a mobilizar um ato enunciativo na modalidade subjetiva afetiva. Possui, portanto, um conteúdo e uma visada emocional. Exibir-se para ser apreciado (Emediato, 2015, p. 178).

Tal característica apontada por Emediato é perceptível nos *posts* analisados. As ambientalistas, por meio de textos, imagens e vídeos postados, revelam-se como mulheres protagonistas, que lutam por ideais contra-hegemônicos, provocando identificação no interlocutor a partir da afetividade instigada por seus *posts*. Essa construção se enquadra no processo de *ethos* da retórica aristotélica,

já que se apropria do *pathos* (emoção) para a formação das “virtudes morais que garantem credibilidade ao orador” (Charaudeau e Maingueneau, 2016, p. 220). Dessa forma, a apreciação do público, demarcada, no Facebook, pelas curtidas e comentários de apoio, tornam-se parte da construção do *ethos* ativista dos perfis em análise, como aprofundaremos a seguir.

Análise: Traços de autoconstrução de um *ethos* ativista

Com base nos estudos discursivos apresentados anteriormente, bem como nas teorias comunicacionais e políticas utilizadas como aporte teórico para esta pesquisa, desenvolvemos uma abordagem metodológica transdisciplinar que nos pareceu adequada para analisar as narrativas em meio digital. Abaixo descrevemos de forma esquemática as categorias utilizadas para a análise do corpus neste artigo:

Em um primeiro nível de análise apresentado em nosso design metodológico, estudamos a estrutura do *post* de uma forma geral, a contemplar todas as publicações. Verificamos que os perfis das ambientalistas no Facebook são compostos por *posts* narrativos que revelam uma forma de escrita subjetiva, íntima, quase confessional, em textos de passagens, compartilhados com os amigos de suas redes. Como já citamos, são escritas fragmentárias (Dias, 2015) que formatam um percurso narrativo criado pelas ambientalistas, utilizando estratégias de construção ou exibição de si. Podemos dizer também, consoante Paul (2016), que são *posts* com “narrativas em multimídia”, pois utilizam dois tipos de mídia: imagem e texto.

Em um segundo momento de análise, observamos alguns traços de autoconstrução de um *ethos* ativista por meio da investigação dos efeitos de sentidos visados nas narrativas das ambientalistas e nas imagens publicadas.

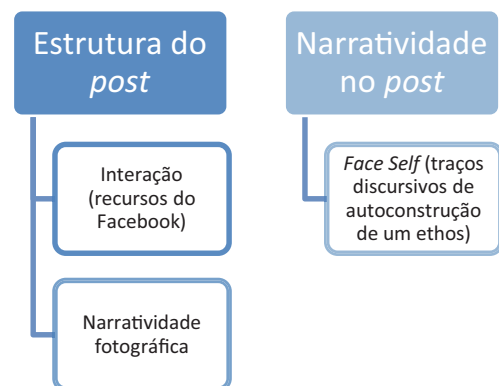


Figura 3. Design Metodológico.
Figure 3. Methodological Design.

Fonte: elaborado pelos autores.

Cada narrativa possui sua particularidade, porém há marcas discursivas que indicam recorrências na configuração da encenação narrativa. Tomando como base no Modo de Organização Narrativo de Charaudeau (2012), podemos notar nos *posts*: (i) a intervenção e a identidade do narrador indicam a presença de um “autor-indivíduo”, aquele, segundo Charaudeau (2012, p. 189), “que se dirige ao leitor de maneira explícita”, apresentando-se, no caso das ambientalistas, como um “*contador-testemunha* de sua própria vida” (p. 190); (ii) o estatuto do narrador indica um locutor que conta sua própria história, segundo Charaudeau (2012, p. 195) é aquele narrador que “está no interior da narrativa, na medida em que o personagem principal é ele mesmo”; (iii) há também uma terceira configuração da encenação narrativa: os “pontos de vista do narrador” (Charaudeau, 2012, p. 197). Nesse caso, há diferenças em cada *post*, que configuram categorias diferentes de pontos de vistas recorrentes nas publicações. Dividimos em três categorias para facilitar uma análise prévia dos dados linguísticos e imagéticos, são elas: exposição da vida ativista, duplo ativismo e exaltação da natureza, que serão analisadas a seguir.

Exposição da vida ativista

Na categoria “exposição da vida ativista” estão os *posts* que narram em primeira pessoa a rotina das ambientalistas, reforçando suas práticas ativistas no ambiente *off-line*. Identificamos o uso de recursos linguísticos e imagéticos nesses tipos de *posts* a fim de indicar uma exposição da vivência ambientalista (Figuras 4 e 5).



Figura 4. *Post* de exposição da vida ativista de Ana.
Figure 4. Post showing Ana’s activist life.

Fonte: Perfil público no Facebook (2018a).

Nas Figuras 4 e 5, notamos que as ambientalistas transcrevem suas narrativas comunicando ao interlocutor acontecimentos particulares, íntimos, configurando-se “pontos de vista internos”, segundo categorização de Charaudeau (2012). O autor diz que esse tipo de ponto de vista faz parte da configuração da encenação narrativa e é de foro subjetivo, “depende da visão que a personagem descrita pode ter sobre si mesmo” (p. 199). Constituindo-se, assim, um traço de autoconstrução de si. Vê-se tal desenvolvimento da autonarrativa nas afirmativas “Meu navio minha vida” (Figura 4) e “Seguindo para segunda fase, muita bioconstrução em Extrema-mg! Sumirei por falta de net e telefone” (Figura 5), que apresentam uma série de qualificações que destinam o discurso para uma exibição de si por meio de sentimentos, pensamentos e ações. Um discurso que visa à legitimação da ambientalista, demonstrando fragmentos de sua vida ativista, tanto em seu texto verbal, quanto no não-verbal. Tal texto pode procura direcionar o olhar do interlocutor por meio de uma visada demonstrativa, uma estratégia do enunciador para, segundo Charaudeau (2004, *online*) “estabelecer a verdade e mostrar as provas”.

No *post* de Ana, a enunciativa parece se colocar em certa “posição de autoridade de saber” (Charaudeau, 2004, *online*) para apresentar indiretamente como verdade uma qualificação de si como “guerreira corajosa”. A prova é o texto sobre o navio Arctic Sunrise e a localização¹⁷ no *post*. O navio é o símbolo que reflete o sujeito metonimicamente, em uma tentativa de autoidentificação com aquilo que manifesta. A imagem traz ao interlocutor um efeito de real ao apresentar o navio suntuoso, em “plano geral” (Mendes, 2013), uma extensa máquina que navega pelos lugares mais arriscados e desconhecidos, características que podem ser particulares da identidade da ativista. O plano geral da imagem, segundo Mendes



Figura 5. *Post* de exposição da vida ativista de Mayan.
Figure 5. Post showing Mayan’s activist life.

Fonte: Perfil público no Facebook (2018b).

¹⁷ A localização no *post* se refere à cidade de Longyearbyen, situada no ártico e considerada a cidade que está mais ao norte do planeta.

(2013, p. 140), oferece a impressão “do todo”, que refere-se a sensação de realidade, “deixando poucas coisas fora do enquadramento”

Também é como uma protagonista corajosa que Mayan parece se apresentar no *post*. As provas são mostradas no vídeo e com os dizeres “muita bioconstrução!”, “Sem net e telefone”, que evidenciam o “árduo” trabalho de bioconstrução, sendo, ao mesmo tempo uma atividade empolgante para a ativista. Ao ressaltar “Sem net e telefone”, Mayan reforça ainda mais o isolamento do espaço em que constrói a narrativa, provando que o local é apto somente ao sujeito corajoso e explorador. Por fim, a ambientalista deixa uma despedida em espanhol, “hasta luego”, o que parece ser uma estratégia interativa da enunciadora, visando conquistar a simpatia dos interlocutores.

É em busca de simular uma participação que as ambientalistas fazem uso de recursos linguísticos interativos que contribuem para reforçar algumas qualificações já apontadas na análise, como a de corajosa e guerreira. A face guerreira da ambientalista é reforçada pela onomatopeia que representa um grito de guerra (“Rá!”), já a face corajosa quando a ambientalista apresenta *emoticons*¹⁸, indicando tranquilidade (sujeito de óculos escuros) e firmeza/determinação (âncora).

Ainda em busca da legitimação de si e de suas causas que as ambientalistas investem em *posts* de exposição de uma vida ativista que vai além das fronteiras digitais, como no *post* abaixo (Figura 6).

No *post* reproduzido acima, podemos perceber a representação do ativismo *off-line* de Ana, ao se inserir no vídeo importado do *YouTube*¹⁹, concomitante ao ciberativismo, já que utiliza as redes sociais digitais para divulgar sua luta ativista, abrindo espaço para interação entre os usuários do Facebook, que reagem ao *post* com comentários e compartilhamentos, por exemplo. Importante destacar, também, o uso do pronome possessivo “meus” ao se referir aos ativistas atingidos pelas autoridades espanholas, em uma noção de pertencimento e inserção nas lutas ativistas que ocorrem fora das redes sociais digitais. Expondo seu trabalho ativista em seu perfil por meio de um relato de um acontecimento vivenciado, Ana apresenta sua ação política em prol do movimento ambiental, a diferenciando dos sujeitos que não são ativistas.



Figura 6. *Post* de exposição da vida ativista de Ana – Espanha.

Figure 6. Post showing Ana’s activist life – Espanha.

Fonte: Perfil público no Facebook (2018a).

Duplo ativismo

Nesta categoria, encontram-se os *posts* em que Ana e Mayan se portam como ambientalistas e feministas, em um papel de duplo (ciber) ativismo, a partir da adesão à campanha feminista pelo uso da *hashtag*²⁰ #belarecatadaedolar²¹.

Consideramos, aqui, o uso da *hashtag* como identificação e forma de ativismo, não meramente a apropriação de discurso midiático. Tal classificação se dá pelo uso constante de *hashtags* em campanhas ativistas (como #meuprimeiroassédio e #meuamigosecreto, por exemplo), como forma de reunir casos e promover o ciberativismo feminista (Costa-Moura, 2014; Tiburi, 2015; Forechi, 2016; Reis, 2017; Procópio, 2018), que considera o feminismo interseccional, visando o “questionamento das expectativas e estereótipos difundidos pelas instituições sociais sobre o corpo e comportamento das mulheres” (Reis, 2017, p. 5). Além disso, a *hashtag* visa à unificação desses discursos em prol de uma causa e refutação da representação da mulher nas mídias (Procópio, 2018), promovendo a construção da imagem de si por meio da constituição do seu perfil (Recuero, 2014) enquanto ativistas dentro e fora das redes sociais digitais. Tais relações ocorrem enquanto manifestação política de si mesma (Emediato, 2015).

¹⁸ Segundo Recuero (2014, p. 47), os *emoticons* são “conjuntos de caracteres do teclado que simbolizam expressões faciais”.

¹⁹ O vídeo mostra o ataque das Forças Armadas da Espanha aos ativistas do Greenpeace, instituição a qual Ana é vinculada.

²⁰ A *hashtag* é uma palavra-chave seguida de uma cerquilha (#), utilizada para indexar e contribuir para publicidade de assuntos. A *hashtag* tem a função retórica de induzir o leitor a uma página dentro do mesmo espaço da rede social Facebook. Esse tipo de *link* “gráfico e textual” (Gomes, 2011) é um recurso vastamente utilizado nas redes sociais para atrair cliques, propagar ideias e estimular que os internautas produzam conteúdo associado a uma ação ou a uma marca.

²¹ A campanha foi criada em resposta à reportagem veiculada pela revista *Veja* no dia 18/04/2016, em que traçava o perfil de Marcela Temer, esposa do então vice-presidente brasileiro Michel Temer, caracterizando-a como uma mulher ideal a partir das características “Bela, recatada e do lar” (*Veja*, 2016). O movimento feminista, então, apropriou-se dos termos em uma campanha que contradiz tais atributos, de maneira irônica, a fim de criticar o posicionamento machista da revista.

Nesse caso, identificamos que os perfis analisados se manifestam como feministas e ambientalistas nos *posts* de #belarecatadaedolar, incluindo imagens que expõem seu trabalho da causa ambiental, autoafirmando-se como parte do movimento feminista. A partir dessa exposição dupla, identificamos a atitude heterocentrada que “tem como referência o discurso dos outros, uma forma do sujeito exibir seus posicionamentos” (Emediato, 2015, p. 176). Ao se posicionarem de forma categórica, as ambientalistas utilizam a visada demonstrativa (Charaudeau, 2004, *online*) em sua narrativa, mesmo recurso empregado nos *posts* de exposição ativista. Sob um “ponto de vista interno, subjetivo” (Charaudeau, 2012, p. 199), as ambientalistas procuram demonstrar seu posicionamento feminista em formatos diferentes de publicações, mas que convergem para a mesma manifestação de apoio à causa do movimento #belarecatadaedolar.

Na Figura 7, a imagem do *post* apresenta Ana com a vestimenta de sua luta ambientalista, com a legenda sobre a campanha #belarecatadaedolar, acompanhada da expressão em inglês “Suck It, Bitch!” que nos remete ao combate machista e à luta feminista. Já Mayan (Figura 8) se mostra na imagem realizando um trabalho manual de plantio de mudas de plantas, em uma fotografia campestre, utilizando a *hashtag* do movimento como legenda. São imagens em “plano detalhe” (Mendes, 2013, p. 141) que revelam uma “particularização bastante marcada, trata-se da exposição de um detalhe que se quer destacar”, a fim de “criar intimidade, proximidade, familiaridade”. Nesse caso, de proximidade com a temática feminista apresentada, unida à ambientalista.

Diante de tais características, podemos observar nos *posts* os traços de um ativismo ambiental e feminista, além da reprodução de um discurso contra-hegemônico, já que é parte de uma campanha contrária ao que foi veiculado pela grande mídia. Tais *posts* podem ser considerados simbolizações das lutas em questão, que contribuem para a construção do *ethos* ativista de Ana e Mayan. Jodelet (2001) acredita que essas representações sociais criadas a partir de simbolizações e interpretações exercem papel fundamental na formação da identidade do sujeito, de maneira mais ampla, completa e cognitiva. Esse sujeito integra, então, um grupo formado pela identificação de identidade, constituído a partir da “atividade como o efeito de processos ideológicos que atravessam os indivíduos” (Jodelet, 2001, p. 27).

Nesse sentido, Maia (2002) relaciona a representação social ao discurso contra-hegemônico e aponta sobre o uso da Internet nesse processo. A autora acredita que o envolvimento das pessoas em campanhas e debates se dá a partir de sua própria vida, em questões que as afetam diretamente. Dessa forma, percebemos que as mulheres se portam e se manifestam como ambientalistas e feministas, ao mesmo tempo, quando participam (e compartilham) de uma campanha feminista com imagens que ilustram seu ativismo ambiental *off-line*, como na Figura 6.

Em outros *posts*, como o abaixo (Figura 9), ainda podemos notar o duplo ativismo das ambientalistas. Mesmo que indiquem claramente uma adesão ao feminismo, a inserção de Mayan em discussões feministas e ambientalistas *on-line* acontece com o compartilhamento de uma frase da ecofeminista Vandana Shiva. O ecofeminismo é uma escola filosófica que simboliza a síntese do



Figura 7. *Post* de duplo ativismo de Ana.
Figure 7. Ana's double activism post.

Fonte: Perfil público no Facebook (2018a).



Figura 8. *Post* de duplo ativismo de Mayan.
Figure 8. Mayan's double activism post.

Fonte: Perfil público no Facebook (2018b).



Figura 9. Post de duplo ativismo de Mayan – Vandana Shiva.

Figura 9. Mayan’s double activism post – Vandana Shiva.

Fonte: Perfil público no Facebook (2018b).

ambientalismo em interação com feminismo. Fundado em 1972 pela feminista francesa Françoise d’Eaubonne, essa corrente do movimento ambiental defende que uma luta sistemática deve ser efetuada, instigando mulheres a essa mobilização e tem hoje como principal ativista do movimento a indiana Vandana Shiva.

Ao rejeitarem a ordem patriarcal instaurada durante os últimos séculos pela sociedade capitalista, Shiva se vale da atuação do ecofeminismo para uma relação mais equilibrada com a natureza. Elas defendem o protagonismo feminino e a difusão das vozes ambientalistas e feministas, algo renegado historicamente às mulheres devido ao constante silenciamento e à falta de representatividade feminina na política. A defesa de suas teses ecofeministas está ancorada no argumento de que a degradação da natureza foi provocada mais pelos homens, ou pelo patriarcado, do que pelas mulheres, que contribuíram para a conservação do meio ambiente enquanto agricultoras, ideia exposta na frase divulgada por Mayan. Ao compartilhar tal frase, a ambientalista se demarca como ativista digital que adere ao pensamento ecofeminista. Ainda pelos dizeres “Não é mesmo Dr. Vandana Shiva? Afinal...”, que denotam um apoio às ideias desse movimento promovido por Shiva, bem como em sua afirmação pela defesa das flores e da liberdade feminina, pautas, respectivamente, ambientalis-

tas e feministas, destacadas exatamente no dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher.

Tais posicionamentos se inserem no contexto do ciberativismo, estudo que considera a Internet como espaço onde “discussões políticas podem seguir seu curso, proporcionando um meio de interação” (Maia, 2002, p. 47), ressaltando o poder político desses discursos ativistas. Maia (2002) também considera o poder transformador dessas manifestações, pois auxiliam na formação de identidade. Assim, mostrando sua atividade ambiental inserida em uma campanha feminista, as mulheres estudadas se portam como militantes das duas causas através de discursos contra-hegemônicos, na construção do *ethos* (duplamente) ativista, reforçando a identidade de protagonismo na luta contra a hegemonia apresentada na sociedade, assumindo uma posição de poder que a Internet permite a sujeitos que, até então, foram silenciados pela grande mídia.

Exaltação da natureza

Outra característica comum observada nos dois perfis foi a exaltação da natureza em seus *posts*. Como ativista ambiental, as militantes também se mostram admiradoras da natureza e do objeto de militância. Conforme podemos notar nas Figuras 10 e 11:

Sob uma visada demonstrativa (Charaudeau, 2004, *online*) dos atributos da natureza, notamos nos *posts* de exaltação da natureza (Figuras 10 e 11) que as ambientalistas transcrevem suas narrativas no Facebook comunicando aos interlocutores sua visão sobre acontecimentos externos, objetivos, configurando-se “pontos de vistas externos” (Charaudeau, 2012, p. 199). Voltados para a exibição da natureza, os *posts* da Figuras 10 e 11 são, predominantemente²², alocentrados (Emediato, 2015), pois demonstram “uma atitude voltada para um tu coletivo” (p. 176). Confirma-se tal atitude alocentrada nas imagens, bem como nas afirmativas que visam seduzir o outro: “Foca na semana! Be anything you like, IF nothing works, be a seal...” (Figura 10) e “PÔR DO SOL ONTEM, PÔR DO SOL HOJE!!!!!! EL SOL Y NADA MAS...” (Figura 11).

Na Figura 10, notamos frases que incentivam o interlocutor a se tornarem mais focados na semana, em uma empreitada similar aos discursos de autoajuda. Em tal enunciado, notamos a visada de incitação (Charaudeau, 2004, *online*), que tem a intenção no discurso de “fazer acreditar (por persuasão ou sedução) ao tu que ele será o beneficiário de seu próprio ato”, no caso, o ato é de focar. Também para estimular uma participação é que as ambientalistas utilizam alguns recursos linguísticos inte-

²² Assim como nas outras categorias de *posts*, também observamos nos *posts* de exaltação de natureza a atitude egocentrada (Emediato, 2015). Um exemplo é a exibição do corpo da ambientalista na Figura 8.



Figura 10. Post de exaltação da natureza de Ana.
Figure 10. Ana's exaltation of nature post.

Fonte: Perfil público no Facebook (2018a).

rativos nos *posts*. A ambientalista utiliza um trocadilho entre a assertiva foca (presente do indicativo do verbo focar) e a palavra foca (animal). Esse trocadilho é popular na Internet e bastante utilizado em *posts* de forma irônica. A foca é apresentada na imagem e nos dizeres como um animal simpático e, ao mesmo tempo, forte. Na imagem, a ambientalista está no habitat do animal, em um “ângulo de visão inferior” (Mendes, 2013, p. 142), no mesmo nível da foca, demonstrando certa sensibilidade da ativista.

Já na Figura 11, a ambientalista utiliza da escrita em caixa alta para chamar a atenção para o cenário natural que destaca na imagem e emprega também diversos sinais de exclamação ao final da primeira frase. A natureza é destacada como beleza singular nos dizeres (“nada mas”) e na imagem, cujo “plano geral” (Mendes, 2013, p. 140) denota a sensação de real amplo, uma visão do todo, de forma a encantar o interlocutor pelo efeito de verdade provocado, evidenciando a atitude alocentrada da ambientalista. Dessa forma, podemos observar, em ambos os *posts*, a construção do *ethos* de sensibilidade aliada a frases motivacionais, como estratégia de patemização do discurso. As fotos escolhidas funcionam como representação do objeto de luta, a natureza, construindo uma “visão consensual da realidade para esse grupo” (Jodelet, 2001, p. 21), inserindo os interlocutores no mesmo ambiente em que as ativistas estão inseridas, democratizando e universalizando a causa defendida.

Apontamentos finais

Diante dos resultados apresentados nas análises, observamos que as marcas linguísticas e icônicas evidenciadas nos *posts* revelam uma escrita voltada para si, em



Figura 11. Post de exaltação da natureza de Mayan.
Figure 11. Mayan's exaltation of nature post.

Fonte: Perfil público no Facebook (2018b).



Figura 12. Esquema com as categorias de *posts* que convergem para a constituição do *ethos* ativista.

Figure 12. Scheme with the categories of posts that converge for the constitution of the activist ethos.

Fonte: elaborado pelos autores.

um processo de autonarrativa que desenvolve a encenação de um *ethos* legitimador do posicionamento ativista ambiental. As ambientalistas encontram no Facebook um espaço para se expressarem e parecem se sentirem confortáveis com tal ambiente. É nele que que elas criam suas histórias em escritas fragmentadas e divulgam seu discurso, tornando-se um espaço ideal para que as narradoras legitimem seu ativismo.

Como estratégia de identificação e aproximação com o público, notamos nos *posts* escolhas lexicais indicativas da escrita informal, em que há a utilização de recursos populares na Internet. Muitas vezes, as escritas das ambientalistas podem denotar um diálogo, embora

as figuras dos interlocutores possam não estar definidas – figurando uma presença metafórica. A interação com o público também se configura na utilização de recursos interativos para simular uma participação.

Algumas estratégias narrativas linguísticas e icônicas em comum nos *posts* apontaram para três categorias: (i) nos *posts* de exposição da vida ativista, vimos que as ambientalistas procuram apresentar seu trabalho de defesa do meio ambiente como algo corajoso, único, arriscado, mas, ao mesmo tempo, empolgante e satisfatório para elas; (ii) pelos *posts* de duplo ativismo, observamos que as questões de gênero e as ecológicas estão interligadas por uma inscrição indireta ao ecofeminismo; (iii) pela exaltação da natureza, percebemos que a atuação combativa é relegada e concede espaço à sensibilidade, inscritas em um processo de identificação com seus interlocutores.

Percebemos, portanto, que o *ethos* ativista das ambientalistas estudadas no Facebook se constrói na convergência desses movimentos (exposição da vida ativista, duplo ativismo e exaltação da natureza), em um processo narrativo de escrita fragmentária e de interação com um “público” fluido e virtual.

Referências

- ARAÚJO, R.C.B. 2003. O voto de saias: a Constituinte de 1934 e a participação das mulheres na política. *Revista Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (USP)*, 17(49):133-150.
- ARENDE, H. 2010. *A condição humana*. 11ª ed., Rio de Janeiro, Forense Universitária, 452 p.
- BARRETO, A.C.T. 2010. Carta de 1988 é um marco contra discriminação. Disponível em: <https://bit.ly/2Ltb0Z>. Acesso em: 25/07/2018.
- BOFF, L. 2010. *Cuidar da Terra, proteger a vida: como evitar o fim do mundo*. 1ª ed., Rio de Janeiro, Record, 330 p.
- CASTELLS, M. 1999. *A sociedade em rede – a era da informação*. São Paulo, Paz e Terra, 630 p.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. 2016. *Dicionário de análise do discurso*. 3ª ed., São Paulo, Contexto, 555 p.
- CHARAUDEAU, P. 2012. *Linguagem e discurso – modos de organização*. 2ª ed., São Paulo, Contexto, 249 p.
- CHARAUDEAU, P. 2004. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. Disponível em: <http://goo.gl/16zuna>. Acesso em: 12/07/2016.
- COSTA, S.R. 2009. *Minidicionário do discurso eletrônico-digital*. 1ª ed., Belo Horizonte, Autêntica, 171 p.
- COSTA-MOURA, F. 2014. Proliferação das #hashtags: lógica da ciência, discurso e movimentos sociais contemporâneos. *Agora*, 17:141-158. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982014000300012>
- DIAS, C. 2015. L'écriture du fragmentaire quotidien entre mémoire discursive et mémoire métallique. Disponível em: <https://goo.gl/9GhxVd>. Acesso em: 25/07/2018.
- EMEDIATO, W. 2015. Discurso e web: as múltiplas faces do Facebook. *Revista da ABRALIN*, 14(2):171-192. <https://doi.org/10.5380/rabl.v14i2.42561>
- FACEBOOK. 2018a. Perfil pessoal de Ana Paula Maciel. Disponível em: <https://www.facebook.com/ana.alminhana>. Acesso em: 27/09/2018.
- FACEBOOK. 2018b. Perfil pessoal de Mayan Maharishi. Disponível em: <https://www.facebook.com/mayan.maharishi>. Acesso em: 27/09/2018.
- FORECHI, M. 2016. Miatização e identidades femininas nas redes sociais digitais. In: Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais, 1º, São Leopoldo, 2016. *Anais...* São Leopoldo, p. 1789-1808.
- GLOBAL WITNESS. 2017. Defenders of the Earth. Disponível em: <https://www.globalwitness.org/en/campaigns/environmental-activists/defenders-earth/>. Acesso em: 27/09/2018.
- GOMES, L.F. 2011. *Hipertexto no cotidiano escolar*. 1ª ed., São Paulo, Cortez, 119 p.
- JODELET, D. 2001. Representações sociais: um domínio em expansão. In: D. JODELET (org.), *As representações sociais*. Rio de Janeiro, UERJ, p. 17-43.
- MAIA, R.C.M. 2002. Redes cívicas e internet: do ambiente informativo denso às condições da deliberação pública. In: J. EISENBERG; M. CEPIK (orgs.), *Internet e política: teoria e prática da democracia eletrônica*. Belo Horizonte, UFMG, p. 45-72.
- MAINGUENEAU, D. 2001. O ethos. In: D. MAINGUENEAU, *Análise de textos de comunicação*. São Paulo, Cortez, p. 95-103.
- MENDES, E. 2013. Análise do Discurso e Iconicidade: uma proposta teórica-metodológica. Disponível em: <https://bit.ly/2NJZGmd>. Acesso em: 25/07/2018.
- PAUL, N. 2016. Elementos das narrativas digitais. In: P. FERRARI, *Hipertexto, Hipermídia – as novas ferramentas da comunicação digital*. São Paulo, Contexto, p. 121-140.
- PEREIRA, M.A. 2008. *Cyberativismo e democracia – movimentos sociais e novos repertórios de ação*. Coimbra, Portugal. Tese de doutorado. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 221 p.
- PINTO, C.R.J. 2010. Feminismo, história e poder. *Revista Sociologia Política*, 18:15-23. <https://doi.org/10.1590/S0104-44782010000200003>
- PROCOPIO, M. 2018. O engajamento de atores políticos nas redes sociais: uma análise discursiva da participação da deputada Margarida Salomão na campanha #meuamigosecreto. In: A.A. BRAIGHI; C. LESSA; M.T. CÂMARA (orgs.), *Interfaces do Miativismo: do conceito à prática*. Belo Horizonte, CEFET-MG, p. 758-773.
- RECUERO, R. 2014. *A conversação em Rede – comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet*. 2ª ed., Porto Alegre, Sulina, 238 p.
- REIS, J. 2017. Feminismo por hashtags: as potencialidades e riscos tecidos pela rede. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero; Women's Worlds Congress, 11º; 13º, Florianópolis, 2017. *Anais...* Florianópolis, p. 1-13. Disponível em: <https://bit.ly/2Awpznl>. Acesso em: 25/07/2018.
- RIGITANO, M. 2003. Redes e ciberativismo: notas para uma análise do centro de mídia independente. In: Seminário Interno do Grupo de Pesquisa em Cibercidades, 1º, Salvador, 2003. *Anais...* Salvador, p. 1-11. Disponível em: <https://bit.ly/2LcTdBQ>. Acesso em: 25/07/2018.
- SILIPRANDI, E. 2000. Ecofeminismo: contribuições e limites para a abordagem de políticas ambientais. *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, 1(1):61-71.
- TIBURI, M. 2015. Campanhas feministas nas redes sociais evidenciam a face jovem do movimento. Disponível em: <https://goo.gl/usNVG1>. Acesso em: 16/07/2018.
- VEJA. 2016. Marcela Temer: Bela, recatada e “do lar”. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/bela-recatada-e-do-lar>. Acesso em 27/09/2018.
- WE ARE SOCIAL. 2016. 3 Countries included in Digital 2016. Disponível em: https://www.slideshare.net/wearesocialsg/digital-in-2016/3-wearesocialsg_3COUNTRIES_INCLUDED_IN_THIS. Acesso em: 27/09/2018.

Submetido: 15/08/2017

Aceito: 06/08/2018